

Até Quando?

HOLTZ, Abel. "Até Quando?". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2017.

Dias atrás tomamos conhecimento pela imprensa que três hidrelétricas na fronteira dos Estados do Mato Grosso, Rondônia e Amazonas foram consideradas por ambientalistas como agressoras ao meio ambiente apesar de adicionar 1.035 MW de energia ao Sistema Interligado Nacional (SIN) quando construídas. Na verdade uma projetista entrou no órgão competente para obter a licença para estudar a viabilidade das três usinas. Ou seja, qualquer afirmativa precoce de qual seria o impacto ambiental é inconsistente, pois, ainda sequer há um projeto que venha a permitir avaliar o eventual impacto.

De nada adianta referir para este grupo que o impacto das referidas hidrelétricas é de cerca de um décimo daquele causado pela devastação de florestas na mesma região que hoje, pode ser estimado em cerca de 8 mil quilômetros quadrados por ano, e já foi muito maior há anos atrás. Como afirmou com conhecimento de causa o professor José Goldemberg em recente artigo publicado -"A área inundada por todos os reservatórios do País é de 36 mil quilômetros quadrados, menor do que a área coberta com a cana-de-açúcar no Estado de São Paulo".

Considerando que somente um quarto do potencial hidrelétrico identificado no País foi utilizado e que hoje o maior potencial a construir se encontra nesta região Amazônica – cerca de 70.000 a 80.000 MW – temos que aproveitá-lo tomando os devidos cuidados intensificando os Inventários Hidrelétricos e, simultaneamente, as AAI – Avaliação Ambiental Integrada -, e assumindo os custos das compensações socioambientais que venham ser consideradas como necessárias.

Ressalte-se a exemplo das hidrelétricas recém-construídas na região Amazônica, que, mesmo adicionando-se os custos das compensações socioambientais interpostos, continua a ser a hidroeletricidade a fonte mais competitiva além de ser renovável. Cabe ainda destacar que a fonte não necessita de subsídios e pelo contrário nos locais que são construídas levam desenvolvimento e criam infraestruturas que o Estado não propiciou as regiões ditas como "afetadas".

Há, pois, uma grande oportunidade para expansão da hidroeletricidade na Região Norte do País, e, se ela for impedida de ocorrer, como antecipadamente estão sinalizando, haverá dificuldades em garantir eletricidade para a população brasileira, a não ser que se opte por fontes fósseis.

Registre-se que a evolução das Energias Eólica e Solar nos últimos anos somente foi possível devido a existência de Usinas Hidrelétricas construídas no passado e que para cada 1,0 MW produzido pelas fontes Eólica e/ou Solar são necessários cerca de 3,0 MW de Fontes Despacháveis: quer seja, Hídrica, Térmica ou Nuclear.

Mesmo que, para suprir a demanda nos próximos anos, se adote o uso da fonte termelétrica tendo o gás natural como combustível, como se desenha a evolução da matriz de geração, sempre que estas venham operar na base, poderemos considerar que este fato poderá ser uma etapa importante para a transição para que o

aproveitamento do potencial remanescente venha ocorrer em futuro bem próximo, para a segurança do suprimento ao crescimento da nossa economia que a hidroeletricidade assegura.

Em resumo, a hidroeletricidade tem o Menor Custo, é uma Energia Limpa e Sustentável, possibilita a contribuição das Energias Eólica e Solar, tem Usos Múltiplos, se integra a Diversidade Hidrológica Nacional, agrega Benefícios Regionais e considerando o Grande potencial ainda a ser explorado e Mitigando os Impactos Ambientais REAIS, fica demonstrado que não poderemos prescindir desta fonte.

Abel Holtz é engenheiro e empresário estuda e desenvolve trabalhos na área de concessões particularmente no setor elétrico